



Análise e síntese das lições e aprendizagem comunitária na produção de Castanha-do-brasil *Bertholletia excelsa* e produção de instrumentos de difusão das boas práticas de manejo da espécie.

Contratação e coordenação da consultoria:



Liliana Pires
Coordenadora do Escritório de
Projetos Amazônicos
liliana.pires@sur.iucn.org
lilianapires@uol.com.br
www.iucn.org

Consultoria:



Fernanda Basso Alves
fernandabassalves@gmail.com
www.maturi.org.br

Rio Branco – AC
2009

Histórias de Castanheiros...

Certo dia teve um rapaz que entrou na mata, pro rumo de onde tinha feito a amontoa e escutava tóc, tóc, tóc... Foi entrando mais e achou que estava tendo uma visagem. Uma cotia carregando cinco ouriços. Um no dente, um em cada suvaco e dois ela ia chutando, cada um num pé. Conforme os chutados se batiam, faziam tóc, tóc, tóc...

Era uma castanheira grande, o rapaz fazia o monte e quando ia quebrar só via a marca dos ouriços. Um dia chegou mais cedo e viu a cutia carregando ouriço. Seguiu ela, que entrou num oco e lá dentro já tinha bem umas 30 latas de castanha. Deu um tiro na cotia e pegou todos os ouriços. Os mais do fundo, que ela tinha carregado primeiro já estavam secos e só deu prá cocada.

A mulher estava lavando roupa no igarapé e escutava tchíí, tchíí... E começou a ver uns peixes passando morto, já cozido. Ela ficou cabreira e subiu na direção de onde vinham os peixes. De longe viu uma cotia que roía um ouriço. Quando o dente dela esquentava, ela punha na água prá esfriar e tchíí. A água esquentava e cozinhava os peixes. É por isso que o dentinho da cotia é vermelho até hoje.

Pelos castanheiros do Porongaba

ACRÔNIMOS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ATER – Assistência técnica e extensão rural

CAEX – Cooperativa Extrativista de Xapuri

CAPEB – Cooperativa de Produtores Extrativistas de Brasília

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

COOPERACRE – Cooperativa de Comercialização

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBD – Instituto Biodinâmico

IN – Instrução Normativa

GTZ – Agência de Cooperação Alemã

UICN – União Internacional para Conservação da Natureza

WWF- Brasil – ONG ambientalista

SEAPROF – Secretaria Estadual de Produção Familiar

RESEX – Reserva Extrativista

MAPA – Ministério da Agricultura

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

MMA – Ministério do Meio Ambiente

UICN – União Internacional para Conservação da Natureza

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVOS DA CONSULTORIA.....	7
3. DESENVOLVIMENTO DO DIAGNÓSTICO E ANÁLISE.....	7
Quadro 1. Proposta de oficinas nas comunidades	8
Quadro 2 . Roteiro orientador das entrevistas semiestruturadas às instituições de apoio ...	9
4. A CASTANHA-DO-BRASIL.....	10
Imagem castanheira.....	10
Imagem Ocorrência de castanha na Amazônia.....	11
Quadro 3. Usinas de beneficiamento de castanha-do-brasil no estado do Acre.....	12
Imagem Cadeia Produtiva da Castanha-do-brasil	13
5. PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CASTANHA-DO-BRASIL.....	15
5.1. ETAPAS DE PRODUÇÃO NA FLORESTA.....	15
Imagem coletor	15
Imagem amontoa.....	15
Imagem quebra da castanha.....	15
Imagem sacos transportados por bois.....	15
Imagem castanha derramada.....	
Imagem visão do secador e detalhe da tela.....	
Quadro 4. Armazens para castanha-do Brasil	17
5.2. PROCESSAMENTO DA CASTANHA-DO-BRASIL NA USINA.....	17
Imagens sacos chegando para pesagem.....	17
Imagem visão geral do armazém.....	17
Imagem esteira seleção e saco descartes.....	18
Imagem seleção e amêndoas.....	19
Imagens caixas.....	19

6. BOAS PRÁTICAS NA PRODUÇÃO DE CASTANHA-DO-BRASIL.....	20
Quadro 5 Regulamentação da produção de castanha-do-brasil.....	21
Quadro 6. Legislação para extrativismo sustentável orgânico.....	21
 6.1. Boas Práticas da castanha-do-brasil no Acre.....	22
Quadro 7. Aprendizados da experiência de certificação da castanha-do-brasil.....	22
Quadro 8. Objetivos das Boas Práticas elencados pelo grupo	25
Quadro 9. Dificuldades para difusão das Boas Práticas elencadas pelo grupo.....	25
Quadro 10. Papel do grupo na difusão das boas práticas.....	26
Quadro 11. Panorama das Boas Práticas nas Comunidades	26
 7. ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DAS BOAS PRÁTICAS.....	27
Quadro 12. FORMAS E INSTRUMENTOS PARA DIFUSÃO DE BOAS PRÁTICAS	28
Quadro 13. Instrumentos e suas características.....	28
Quadro 14: Estratégias de difusão já utilizadas	29
Programa de rádio.....	30
Quadro 15. Conteúdo das inserções via rádio.....	30
Cartaz e Folheto de divulgação das Boas Práticas.....	31
 8. VISITAS INSTITUCIONAIS.....	31
Quadro 16. Papéis dos integrantes do Grupo de Apoio ao Arranjo Produtivo da Castanha-do- Brasil	32
Quadro 17. Panorama das Ações Previstas	32
 9. VISITAS A CAMPO.....	34
Quadro 18. Materiais Necessários para construção do galpão.....	34
 10. INDICATIVOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS BOAS PRÁTICAS.....	35
 11. CONCLUSÕES.....	37
 12. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
 13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
 14. ANEXOS.....	42
ANEXO 1. Lista de Associações fornecida pela COOPERACRE.....	42
ANEXO 2. Avaliação dos programas de rádio.....	43
ANEXO 3. Relação dos entrevistados nas visitas institucionais.....	45
ANEXO 4. Cartaz e folheto de divulgação.....	versão digital
Anexo 5. Legislação.....	versão digital

1. INTRODUÇÃO

Este relatório trás o processo de construção e os resultados da consultoria realizada para a análise e síntese das lições e aprendizagem comunitária na produção de Castanha-do-brasil *Bertholletia excelsa* e produção de instrumentos de difusão das boas práticas de manejo da espécie.

A UICN - União Mundial para a Natureza desenvolve o projeto “Livelihoods Landscape Strategy – Meios de Vida e Paisagem”, que tem por objetivo apoiar a “implementação efetiva de políticas e programas nacionais que promovam uma mudança real e significativa na qualidade de vida das populações rurais mais desfavorecidas, associada à conservação da biodiversidade a longo prazo e com equidade, garantindo o fornecimento sustentável de produtos e serviços florestais com base em prioridades definidas a nível nacional”.

O projeto está em andamento em 11 áreas geográficas, que abrangem vinte e cinco países chaves no contexto florestal dos continentes africano, asiático e sul-americano, buscando gerar referências que subsidiem a condução de processos semelhantes nestas regiões. O projeto é desenvolvido com base em quatro componentes temáticos - 1) Redução de pobreza, 2) Governança, 3) Recuperação de áreas alteradas, 4) Acesso a mercado – e um componente de facilitação, relacionado à estratégia e metodologia de definição e monitoramento dos resultados com os atores envolvidos no projeto.

No Brasil, o projeto está sendo implementado no Estado do Acre, com foco nas Unidades de Conservação de Uso Sustentável (PAE's e RESEX) localizadas no Alto Acre. No campo da redução de pobreza e acesso a mercado, o trabalho está focado na geração de renda através do fortalecimento da cadeia produtiva de produtos florestais – castanha-do-brasil, borracha e madeira.

No caso da castanha-do-brasil, a UICN faz parte do Grupo de Apoio ao Arranjo Produtivo Local - APL, uma parceria multi-institucional que agrega diferentes instituições governamentais e não governamentais¹ na promoção e desenvolvimento da cadeia produtiva da castanha-do-brasil, visando assim aumentar a qualidade do produto, o volume comercializado e a renda familiar.

No APL, o trabalho é focado nos seguintes componentes:

- 1) fortalecimento da base produtiva da COOPERACRE através da sensibilização aos princípios cooperativistas e associativistas;
- 2) fortalecimento da gestão administrativo financeira e da gestão da produção pela COOPERACRE e pelas organizações a ela ligadas;
- 3) melhoria da qualidade da castanha do Brasil através da implementação de boas práticas de manejo da castanha, que envolve sua extração, transporte, armazenamento e processamento (neste componente está prevista a melhoria da infra-estrutura para todas as etapas da cadeia);
- 4) apoio à certificação do produto e à prospecção de mercado.

Atuando como um dos atores deste grupo de apoio do arranjo produtivo local a UICN identificou a possibilidade de investir esforços no desenvolvimento de um sistema de gestão compartilhada, a ser definido de forma participativa com os atores envolvidos. Este sistema é composto de estrutura e os processos que garantam o planejamento, monitoramento e avaliação conjunta; a tomada de decisão democrática; a comunicação fluida; o estabelecimento e cumprimento de acordos e a coordenação das ações na parceria multi-institucional.

¹ COOPERACRE, SEBRAE, SEAPROF, EMBRAPA, CONAB, UICN e WWF Brasil.

O desenvolvimento desta análise e síntese das Boas Práticas da Castanha-do-brasil foi um dos objetos elencados pelo grupo para o exercício da governança, motivado pela busca da melhoria da qualidade da castanha.

O objeto desta análise foram as recomendações de boas práticas na floresta, transporte e armazenamento.

2. OBJETIVOS DA CONSULTORIA

- coordenar o processo de diagnóstico participativo do sistema de produção, com ênfase nas práticas de manejo da castanha-do-brasil *Bertholletia excelsa*, a partir de experiências que estão sendo conduzidas por extrativistas do Estado do Acre, envolvendo: planejamento de atividades, realização de um diagnóstico produtivo (incluindo uma análise a respeito dos estímulos e desestímulos para o emprego das boas práticas), discussão dos resultados e apresentação de relatório.
- facilitar, com base nos resultados do diagnóstico, o diálogo entre os atores da cadeia produtiva da castanha-do-brasil a respeito das necessidades de ajuste das boas práticas e das estratégias e ações para sua promoção e a implementação.
- coordenar a elaboração de dois cartazes de boas práticas de manejo e produção da castanha-do-brasil *Bertholletia excelsa*.

3. DESENVOLVIMENTO DO DIAGNÓSTICO E ANÁLISE

O desenvolvimento desta consultoria deu-se a partir da análise e desenvolvimento do diagnóstico e análise das recomendações boas práticas e das estratégias para sua difusão de, num diálogo interinstitucional, validado por informações colhidas em comunidades produtoras de castanha-do-brasil. Desta forma, buscou-se contemplar a forma e o conteúdo do tema boas práticas nesta cadeia produtiva.

Inicialmente foram realizadas duas reuniões com as instituições de apoio ao APL da castanha para apresentar a proposta do diagnóstico e ajustar a mesma a partir

A partir do levantamento e análise de materiais disponíveis e conhecidos pelos parceiros, foi organizada uma coletânea de recomendações, validadas pelos parceiros em encontros presenciais e diálogos virtuais facilitados pela consultoria. O critério utilizado foi o da aplicabilidade por parte do público, na visão das instituições de apoio.

As recomendações deram origem a quatro inserções no bloco Falando com o Produtor do Programa Raízes da Terra (SEAPROF), Rádio Difusora Acreana, aos domingos, 7:00, no mês de fevereiro de 2009.

As etapas para construção das inserções foram:

- concepção do conteúdo inicial e revisão a partir das contribuições dos parceiros;
- articulação das entrevistas;
- elaboração de release para cada programa;
- negociação com a produção do programa Raízes da Terra;
- acompanhamento da gravação das entrevistas;

- divulgação das cópias das inserções para os parceiros;
- acompanhamento do processo de avaliação das inserções e indicações para futuras estratégias de divulgação (em andamento).

Foram objetivos do programa (as quatro inserções):

- divulgar elementos das boas práticas da coleta, seleção e armazenamento da Castanha da Amazônia para a safra 2009
- popularizar recomendações de boas práticas da castanha
- sensibilizar as comunidades extrativistas para o tema boas práticas a ser abordado no diagnóstico

Ao final da veiculação dos programas, foi feita a avaliação dos programas, quanto ao seu conteúdo e o processo coletivo de construção.

Depois disso, a coletânea de recomendações foi submetida à validação por parte de comunitários extrativistas em duas reuniões realizadas em diferentes comunidades (Porongaba e São Luis do Remanso) e à COOPERACRE (para priorização).

Quadro 1. Proposta de oficinas nas comunidades

<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação: <ul style="list-style-type: none"> • IUCN • Objetivo do diagnóstico • Programa do dia • Participantes 2. Construção participativa da cadeia da castanha <ul style="list-style-type: none"> • com desenhos e frases os participantes identificam cada uma das etapas do manejo da castanha feita por eles • para cada passo indicam as recomendações para garantir a qualidade que executam • checagem com recomendações das instituições • condições necessárias para adotá-las • “Namoro” com materiais de divulgação das Boas Práticas – o que é importante para um material de divulgação? <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do dia

Enquanto isso, foram realizadas entrevistas semi estruturadas com todas as instituições que apóiam o APL da Castanha. O objetivo foi aprofundar a compreensão de elementos como o histórico das boas práticas; atuação de cada parceiro; expectativas quanto ao diagnóstico; contextualização da cadeia produtiva da castanha-do-brasil e das comunidades envolvidas.

Quadro 2 . Roteiro orientador das entrevistas semiestruturadas às instituições de apoio

1. Papel na promoção da cadeia e na difusão das boas práticas
2. Quais as estratégias de difusão em que está envolvido?
3. Expectativa quanto ao diagnóstico (processo e resultado)
4. Qual a questão que você/sua instituição se depara hoje na promoção da cadeia e das boas práticas?
5. O que monitorar nas boas práticas?
6. Dados, informações e materiais disponíveis (quais; para que)?
7. Tem ações futuras já encaminhadas?

Reforçando os objetivos das visitas e as recomendações de boas práticas como conteúdo de discussão e análise, foi feito o acompanhamento da agenda do grupo de apoio ao arranjo produtivo local da castanha-do-brasil. Destaca-se:

- Oficina de Apresentação para o APL (08/05) dos seguintes resultados: panorama das ações de difusão das Boas Práticas previstas pelas instituições, proposta das visitas a campo
- Apresentação da proposta do Diagnóstico das Boas Práticas e das visitas de campo na Assembléia da COOPERACRE (27/04)

Foram realizadas as seguintes visitas, com base nos seguintes critérios:

1. **Uma comunidade que adota as Boas Práticas:** Porongaba
2. **Uma comunidade que tem uma produção significativa, não tem armazém nem teve formação:** São Luis do Remanso²

O objetivo das visitas comunitárias foi validar as recomendações apontadas pelo grupo de apoio e coletar informações que permitam caracterizar a prática e a aplicação das boas práticas em cada uma das etapas

- a. Floresta
- b. Coleta e quebra
- c. Seleção e secagem
- d. Armazenamento e Transporte

Após as visitas foi realizada uma nova rodada de ajustes junto aos parceiros e partiu-se então para a consolidação em duas diferentes mídias, um cartaz e um folheto de divulgação. Ambos trazem, como ilustração, cenários que representam o cotidiano da coleta da castanha, sob a perspectiva da adoção das boas práticas, com as recomendações correspondentes. O texto tem a mesma base, com maiores detalhes no folheto de divulgação.

² Um critério institucional para a escolha de São Luis do Remanso foi o fato de estar inserido nas ações de monitoramento.

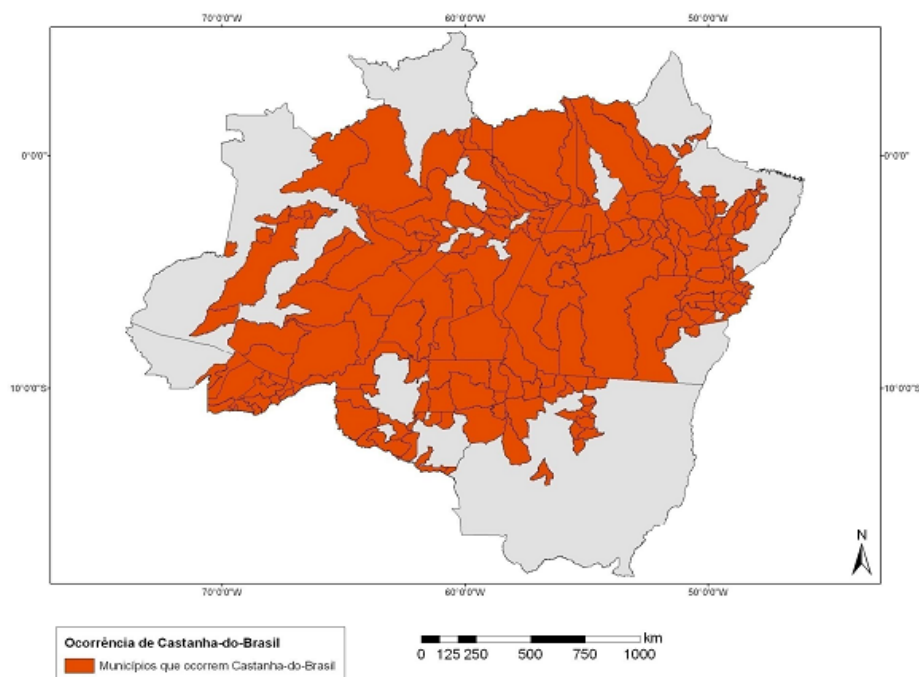
Para finalizar, foram feitas as análises e recomendações referentes ao diagnóstico das boas práticas, das estratégias de difusão e indicações para a implementação do cartaz e folheto de divulgação, assim como para a difusão de boas práticas de uma maneira mais ampla.

4. A CASTANHA-DO-BRASIL



O Acre é hoje um dos maiores produtores brasileiros de castanha-do-brasil, concentrando a ocorrência de castanheiras na porção sudeste do estado, sendo o Rio Purus o divisor das áreas de castanha.

A castanheira (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl) é uma árvore de grande porte, encontrada nas floretas de terra firme da Amazônia. É uma espécie pertencente à família das Lecithidaceas. Pode chegar a 50 metros de altura e 2 metros de diâmetro, destacando-se na floresta, por seu porte. Sua densidade populacional pode variar de 1 a 5 árvores por hectare (Wadt, 2005).



Fonte: Proposta de promoção da cadeia de valor da castanha-do-brasil, 2009

Seus frutos são denominados ouriços e formam-se ao longo de aproximadamente um ano. Entre os meses de novembro a março caem no chão e sua colheita dá-se a partir do mês de novembro até aproximadamente abril.

A produção da castanha-do-brasil no estado do Acre é uma atividade tradicional, assim como as de outros produtos da sociobiodiversidade, oriundos do extrativismo florestal, como por exemplo a borracha.

Originalmente a venda da produção era direcionada aos Mutran³ ou à Bolívia, através de rotas consolidadas, intermediada pelos chamados marreteiros até que, objetivando maior agregação de valor e autonomia nas vendas, foram criadas três diferentes cooperativas de comercialização, a Coopasf, de Capixaba, a Cooperiaco, de Sena Madureira e uma, em Feijó, hoje denominada Cooperaf.

Em 2001 é fundada a COOPERACRE – Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre, que assume gradativamente a comercialização de diferentes comunidades. Hoje é composta por 25 cooperativas e associações localizadas em 10 municípios acreanos, e atende aproximadamente 1.800 famílias extrativistas do Alto Acre, Baixo Acre e Purus. Tendo como missão organizar, representar e garantir a produção extrativista, valorizando o produtor e promovendo a igualdade social, econômica e ambiental, a COOPERACRE hoje comercializa os seguintes produtos: borracha nativa e de cultivo, óleo de copaíba, polpa de frutas e principalmente a Castanha-do-brasil.

Desde a primeira safra, em 2002/2003, até a presente data a COOPERACRE saltou das 25.000 latas comercializadas para 300.000 latas em 2009, o que representa 40% da castanha produzida no estado. Atuando fortemente no mercado nacional convencional da Castanha-do-brasil, em 12

³ Tradicional empresa castanheira paraense

estados brasileiros, a COOPERACRE hoje necessita ampliar o seu mercado consumidor e apropriar-se de informações relevantes sobre o mesmo, balizando assim seu processo de tomada de decisão sobre questões mercadológicas nacionais e internacionais, considerando também o nicho de produtos certificados.

Quadro 3. Usinas de beneficiamento de castanha-do-brasil no estado do Acre

Mesorregião	Município	Caracterização da Usina		
		Comunitário	Privado	Mista
Vale do Acre	Xapuri			1
	Brasiléia	1		
	Rio Branco	Cooperacre	1	
	Sena Madureira		1	

Atualmente, a única comunidade que adota as Boas Práticas da castanha-do-brasil é o Porongaba, o que permite um maior rendimento da lata para os extrativistas. A castanha beneficiada e comercializada pela Cooperativa é de excelente qualidade, apesar da maioria dos seus fornecedores realizarem a extração chamada convencional da castanha (sem a adoção das Boas Práticas).

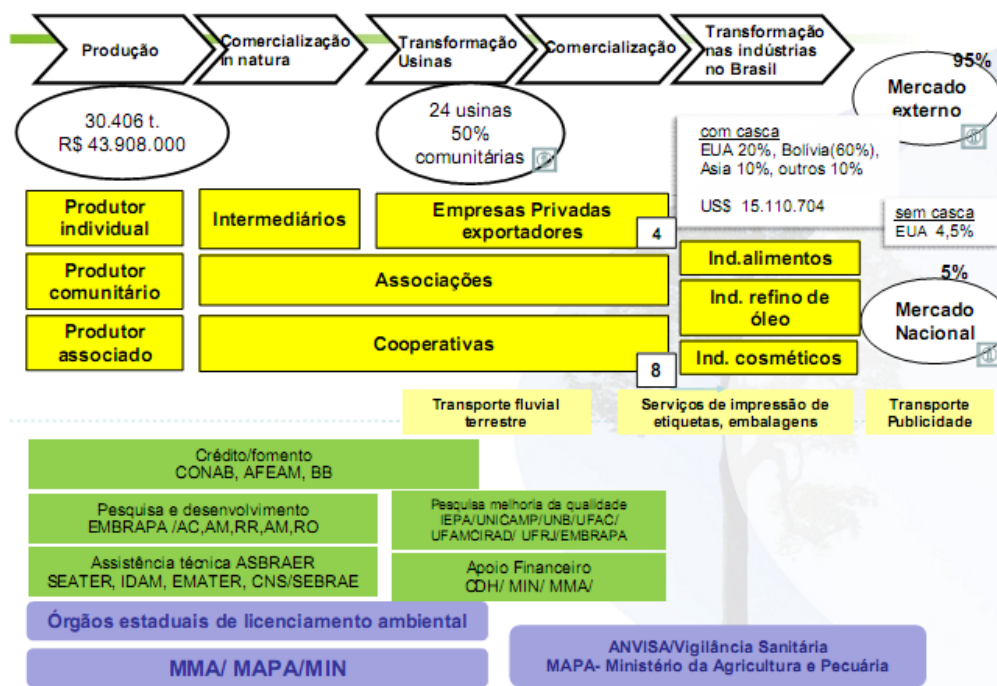
A rastreabilidade é aplicada a toda produção e é uma das etapas da conquista da certificação. O processamento por lote permite a identificação da associação ou grupo de produtores. A Cooperativa monitora através do registro das datas e o histórico na comunidade.

A cooperativa conta atualmente com dois armazéns industriais, em Rio Branco e Brasiléia, onde localiza-se também a Usina de Beneficiamento da Castanha. O Governo do Estado tem investido na infra-estrutura da cadeia, prevendo a construção até 2011 de uma moderna usina de beneficiamento, armazéns industriais, comunitários e familiares.

Os armazéns comunitários implantados localizam-se nas seguintes comunidades: Sorriso, Pracaúba, Porongaba (2), Transacreana, Associação Pedrinha, Capixaba, Copasf e Estrangeiro.

Atualmente a Cooperativa vive um momento de expansão de sua capacidade de armazenamento e processamento através da reestruturação da Usina de Brasiléia.

Cadeia Produtiva da Castanha-do-Brasil



Fonte: Proposta de Promoção da Cadeia-de-Valor da Castanha-do-brasil

Diversos são os atores envolvidos no desenvolvimento e promoção da cadeia de valor⁴ da castanha-do-brasil, sejam operadores, fomentadores, apoiadores ou regulamentadores. Hoje no Acre existe um grupo de apoio ao arranjo produtivo local da castanha-do-brasil. Composto por instituições de pesquisa (EMBRAPA), fomento (SEAPROF e SEBRAE), apoiadores (WWF-Brasil, UICN) e representação dos operadores (COOPERACRE).

Segundo Almeida (2009), a abordagem de cadeia produtiva é uma novidade no caso de produtos da sociobiodiversidade, que historicamente eram considerados a partir da lógica de projetos de conservação e caráter piloto. Na construção de referenciais próprios que contemplem suas peculiaridades, essas cadeias inspiram-se em referências de experiências de setores econômicos já estabelecidos, buscando integrar seus objetivos específicos como geração de renda, fortalecimento da identidade cultural, inclusão social e conservação ambiental.

No nível federal, a castanha-do-brasil é hoje, ao lado do babaçu, um produto prioritário, dentro das estratégias de promoção de produtos da sociobiodiversidade.

O foco desta consultoria foi o contexto da produção da COOPERACRE, por ser esta cooperativa hoje a referência de beneficiamento e comercialização da produção extrativista do estado, onde têm se concentrados os esforços das diferentes instâncias de apoio à promoção e desenvolvimento da cadeia de valor da castanha-do-brasil.

⁴ O conceito de Cadeia de Valor diz respeito à visão organizada das diferentes etapas e atores da cadeia desde o fornecimento da matéria prima até o consumidor final, sob a ótica da agregação de valor nas diferentes etapas. (GTZ, 2007)

5. PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CASTANHA-DO-BRASIL

5.1. Etapas da produção de castanha na floresta

Pré – coleta

Atividades de preparo e manutenção das áreas produtivas de castanha, realizadas ao longo do ano, fora do período de coleta da castanha: abertura e/ ou reabertura dos piques, identificação e seleção das árvores produtivas, corte de cipós das árvores, preparação de mudas e enriquecimento de espécies em áreas de clareiras, roçados e capoeiras.

Para garantir a dispersão e ocorrência da castanha, COOPERACRE (2007), aponta:

- 10% dos ouriços deverão ficar para regeneração natural e nutrição dos animais;
- Verificar se tem restos de castanha escondidos e/ ou distantes das árvores matrizes para garantir a dispersão natural;
- Identificar e conservar as plântulas e mudas existentes na floresta, acompanhando cuidadosamente o seu crescimento natural;
- Realizar a coleta das sementes, somente após o pico de queda dos frutos, para evitar acidentes de trabalho e oportunizar a dispersão natural das sementes.

Coleta

Coleta dos ouriços – catação manual dos ouriços caídos no chão ou utilizando o instrumento denominado “mão de onça”. Os ouriços vão sendo colocados num paneiro (cesto trançado carregado nas costas) ou saco.



Coletor com paneiro e mão de onça

Amontoa - Local onde se amontoam os ouriços coletados que vão ser quebrados (diferente do local usado na coleta anterior);



Amontoa

Quebra dos ouriços – após a amontoa o coletor quebra os ouriços para retirar as amêndoas, o mais rápido possível (menos de 3 dias). A quebra é feita com golpes certos do terçado no ouriço apoiado sobre cepo, outro ouriço ou na mão.



Quebra dos ouriços com o terçado

Seleção das castanhas – no momento da quebra realiza-se uma pré-seleção das castanhas e é feito o descarte de sementes podres, chochas, danificadas, do umbigo e impurezas. Após a quebra as castanhas devem ser levadas ao armazém no mesmo dia.

Transporte – da floresta até o armazém as castanhas são levadas em sacos ou paneiros, nas costas ou sobre animais. Deve-se evitar o contato das castanhas com a pele de animais de carga ou outras superfícies que possam contaminar as sementes. Recomenda-se proteção entre as castanhas e os condutores (esteiras, lonas, etc).



Sacos de castanha transportados por bois

Pós-coleta

Secagem – castanha derramada, a granel, no armazém, sendo revolvida dos os dias ou feita em secadores ou em telas de armazéns apropriados, antes de ser ensacada.



Castanha derramada



Visão do secador e detalhe da tela

Armazenamento – depois de secas as castanhas devem ser colocadas em sacos de ráfia, identificados com nome do produtor, local e ano da safra. Os sacos devem ser guardados no armazém que deverá está sempre limpo e livre de contaminação (acesso de insetos e roedores), bem conservado, seco e arejados, com as portas sempre bem fechadas.



Castanha derramada em secagem e castanha já seca, em sacos de ráfia

Quadro 4. Armazens para castanha-do brasil

Os locais indicados para o armazenamento da castanha são os galpões, paióis ou armazéns. São eles:

Armazém individual ou familiar – Local de realização das principais ações da produção de castanha, pois o castanheiro deverá realizar neste local todo o processo básico de limpeza, seleção e secagem básica das castanhas. O armazém individual é uma estrutura de madeira, medindo 6 x 4 metros com parede de fechamento em tábuas de madeira e tela galvanizada trançada, cobertura em tela ondulada de zinco galvanizado, pintado com esmalte sintético.

Armazém comunitário – Local considerado entreposto, pois serve apenas de ambiente concentração da produção da comunidade envolvida no projeto.

Armazém industrial – Local onde as castanhas ficam a disposição do processamento industrial, devendo esta ser pré-selecionada e livre de impurezas físicas e químicas.

Fonte: Plano de Exploração Sustentável da Castanha Orgânica na Associação Porongaba na Resex Chico Mendes

Transporte – no transporte para a usina as castanhas seguem em caminhões ou barcos. Devem estar protegidas da chuva, do contato com pessoas, animais e produtos agrícolas, químicos ou combustíveis.

5.2. Processamento da Castanha na Usina

Pré - beneficiamento

Ao chegar na usina os sacos de castanha são pesados e as castanhas colocadas no armazém (50 x 12) a granel. A partir daí, os lotes passam a ser processados:



Sacos de castanhas-do-brasil chegando a usina e sendo pesadas



Visão do armazem, por fora e por dentro

Esteira de seleção – as castanhas seguem por uma esteira, e uma pessoa vai retirando os descartes



Saco com descartes e esteira para seleção e (umbigos e castanhas deterioradas),
quantidade retirada em uma hora de processamento

Classificação – a castanha segue por uma esteira mecânica, até o classificador rotativo que separa as amêndoas por tamanhos (4 tamanhos diferentes);

Silos de espera

Indução de ar quente

Autoclavagem – vaporização, para o desprendimento da castanha da casca;

Secagem – secador rotativo de ar natural através de ventilador e movimentos rotativos.

Beneficiamento

Processamento para a retirada da casca e adequação às características padrão de qualidade do alimento.

Quebra das castanhas – centrifugação seguida da retirada da casca.

Pré-seleção ou seleção manual – as castanhas são selecionadas manualmente e são descartadas as amêndoas estragadas, cascas remanescentes e elementos estranhos.



Seleção Manual



Amêndoas descartadas

Classificação ou seleção automática por tamanho – no classificador automático as amêndoas descascadas são classificadas em 5 tamanhos: large, midget, midium, tiny, chipped e broken.

Desidratação – as castanhas são colocadas em bandejas de inox, que em carros de aço galvanizado são conduzidas às estufas, onde permanecem por 15 horas.

Resfriamento - as amêndoas (ainda nas bandejas) permanecem em uma sala com ar condicionado por 6 horas.

Embalamento

Acondicionamento das castanhas para comercialização

Acondicionamento - as amêndoas são embaladas manualmente em sacos laminados e caixas de 20 kg ou 44 lbs.

Empacotamento e Pesagem – os sacos laminados são selados à vácuo e colocados em caixas de papelão a serem pesadas



Caixas empilhadas



Caixa de castanha-do-brasil

Armazenamento do produto acabado – são utilizadas caixas de 20 kg organizadas horizontalmente em estrados de madeira com 10 cm de altura. São sobrepostas no máximo 10 caixas. Deve manter-se a distância de 15 cm da parede.

6. AS BOAS PRÁTICAS NA PRODUÇÃO DA CASTANHA-DO-BRASIL

Um dos principais desafios a qualidade da castanha-do-brasil é a ocorrência de aflatoxinas, contaminação que pode ocorrer em diversas etapas do processo produtivo (campo, transporte e armazenamento). As aflatoxinas são contaminações por ocorrência de fungos (*Aspergillus flavus*/A. *parasiticus*) com potencial cancerígeno e grande incidência em alimentos em todo o mundo.

Em virtude da ocorrência de aflatoxina em lotes de castanha-do-brasil, o controle dos países exportadores é rigoroso e impõem exigências para a importação do produto com casca, como a determinação dos teores de aflatoxinas por laboratórios credenciados junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e a adoção das Boas Práticas.

A adoção das Boas Práticas não garante a não ocorrência da aflatoxina, mas reduz a incidência de fatores que favorecem o desenvolvimento de seus fungos causadores, como a umidade e temperatura.

O principal produto da COOPERACRE hoje é a castanha sem casca destinada ao mercado brasileiro. Eventualmente castanhas com casca são destinadas ao mercado boliviano. As exigências atuais quanto à qualidade são determinadas pelo mercado e pelos órgãos reguladores.

Quando falamos de Boas Práticas da Castanha-do-brasil, estamos falando da adoção de padrões de qualidade do produto. O objetivo é a melhoria do produto final através de cuidados ao longo do processo de coleta, quebra, transporte e armazenamento da castanha, além de proporcionar um maior rendimento da lata. A adoção das boas práticas representa também uma estratégia de diferenciação do produto através da melhoria da qualidade.

Quando falamos de qualidade, podemos nos referir a aspectos materiais, quando dizem respeito a atributos intrínsecos, ou seja, que são visíveis ao consumidor ou aspectos imateriais, quando dizem respeito a condições de produção. Quanto aos padrões, estes podem ser de processo ou padrões do produto. A definição dos padrões dá-se através de regulamentações legais ou acordos pactuados em diferentes níveis da cadeia, chamados de padrões voluntários. (GTZ, 2007)

As Boas Práticas figuram como acordos entre os diferentes atores da cadeia, com base em referências técnicas, visando à melhoria da qualidade do produto e do rendimento da castanha coletada.

Padrões voluntários, como a certificação, dizem respeito a questões sociais ou ecológicas do processo de produção, atentando para preocupação com os impactos ambientais e sociais da produção e do comércio de determinado produto.

A promoção de padrões, seja de qualidade, ambientais ou sociais representa uma alteração nos hábitos de produção, muitas vezes arraigados a cultura local.

Quadro 5. Regulamentação da produção de castanha-do-brasil:

CODEX ALIMENTARIUS – Padrão Internacional para aflatoxinas

Norma 493/2003/ CE, de 4 de julho de 2003 – Norma pública multilateral/nacional que regulamenta as atividades comerciais da castanha nos países da União Européia, que impõe condições para a importação de castanhas-do-brasil na casca

Título 66 – Normas específicas de castanha-do-brasil – safra 2009 – comunicado CONAB/MOC no. 030, de 16/12/2008

IN no. 12, de 27/05/2004, do MAPA – Contaminantes para exportação com casca e descascada

IN no 13, de 27 de maio de 2004, do MAPA – Certificação Sanitária

CAC/RCP 6-1972 - Código Internacional Recomendações de Práticas de Higiene para Nozes produzidas por Árvores – Exportação / União Européia

CAC/RCP 59-2005, Ver. 1 – 2006 – Código de Práticas para a Prevenção e Redução da contaminação das nozes produzidas por árvores por Aflatoxina – Exportação/ União Européia

- Atualmente a **ANVISA** está desenvolvendo uma revisão das exigências para a castanha-do-brasil, por ser esta a única noz proveniente do extrativismo silvestre.
- **Decreto Federal 5975 de 30/11/2006** – Exploração de florestas para produção

Padrões voluntários – certificação a partir dos selos FSC, IMO, ECOCERT, IBD, Fair Trade, FLO e outros mecanismos de avaliação de conformidade como o SPG – Sistema Participativo de Garantia.

Quadro 6. Referências da legislação para extrativismo sustentável orgânico

IN Conjunta no. 17, de 28 de maio de 2009, MAPA/MMA – Extrativismo Sustentável Orgânico

IN Conjunta no. 18, de 28 de maio de 2009 MAPA/MMA – Processamento, Armazenamento e Transporte

IN Conjunta no. 19, de 28 de maio de 2009 MAPA/MMA – Mecanismos de Controle e Informação da Qualidade Orgânica

Decreto no. 6.323, de 27 de dezembro de 2007 - Agricultura orgânica

Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003 – Agricultura Orgânica

Está previsto para entrar em vigor a partir de janeiro de 2010, o **SISORG – Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica**, criado a partir do Decreto no. 6.323 (28/12/2007).

As principais motivações para a adoção de determinado padrão são as exigências dos consumidores e do mercado e atender às exigências pode representar ampliar as possibilidades de venda e atingir novos mercados. Para isso é necessário, antes de mais nada, ter clareza das exigências do mercado que se quer atingir.

O desenvolvimento de padrões deve estar atrelado a estratégias claras de implementação (aplicação das mudanças, dos procedimentos e condições necessárias). Além disso, é preciso prever formas de garantir a qualidade apregoada e mecanismos para a verificação (GTZ,2007).

6.1. BOAS PRÁTICAS DA CASTANHA-DO-BRASIL NO ACRE

Em 2003 um lote de castanha exportado para a Europa foi rechaçado pela baixa qualidade da castanha e dos índices de aflatoxina, superiores aos aceitos pelas medidas normativas na União Européia. Um container foi vendido como certificado, mas foi pago como de boa qualidade.

Na ocasião, o Ministério da Agricultura, buscou a EMBRAPA, com o intuito de solucionar os principais pontos críticos da cadeia. O desenvolvimento da pesquisa foi o ponto de partida da promoção das Boas Práticas da castanha-do-brasil no estado do Acre, visando a melhoria da qualidade do produto e consequentemente, das vendas.

Entre 2001 e 2004, houve uma experiência de certificação da produção de castanha, envolvendo instituições de apoio a cadeia produtiva (WWf Brasil, EMBRAPA, SEAPROF, CAPEB, ECOAMAZON). O projeto previa a certificação orgânica IBD, de origem FSC e comércio justo Fair Trade. Junto a CAPEB, a ECOAMAZON fazia a parte de campo: plano de manejo, boas práticas e governança.

No início eram atendidas 26 famílias dentro da Resex. Estavam envolvidos WWF, Capeb (vendia), Ecoamazon (apoiava na base), IBD, EMBRAPA. Ao final foi avaliada a dificuldade de se trabalhar com três certificações diferentes. A mais indicada era a orgânica, pois o mercado valoriza mais a qualidade que a origem.

Quadro 7. Aprendizados da experiência de certificação da castanha-do-brasil

- Sem armazéns fica quase impossível implementar as boas práticas de manejo e consequentemente conseguir e manter a certificação orgânica. Boas práticas de manejo tem relação direta com castanha seca que tem relação direta com castanha livre de aflatoxina que tem uma relação direta com o alcance de novos mercados que pagam a mais pelo produto;
- *“Os produtores (“lideranças”) que tiveram acesso ao transporte do produto, informações e barracões de armazenamento, produziram e comercializaram sua produção certificada. Os produtores que não tiveram acesso a estes recursos mínimos para uma produção de castanha certificada não conseguiram aumentar sua renda em detrimento do projeto”.*
- *“Algumas lideranças das associações de base de dentro da reserva fazem propaganda contra o projeto da castanha porque vêem a certificação como uma ameaça a seus negócios particulares que fazem com a castanha produzida convencionalmente. Estes negócios, segundo os produtores, muitas vezes são fechados com a empresa Thauamanu, grande produtora de castanha da Bolívia, empresa que faz parte da sociedade castanheira”.*

Pontos fracos e fortes do projeto levantado pelas comunidades e parceiros: Falta de comunicação; Falta de monitoramento e avaliação; Falta de barracões e secadores de castanha; Falta de assistência técnica, Despertou interesse para ações de outras entidades, Conseguiu certificação IBD e Fair Trade, Projeto importante e representativo da comunidade.

Fonte: depoimentos e lições da avaliação do projeto castanha 2001 a 2004.

Entre 2005 e 2006, o SEBRAE lança nova fase, com 250 famílias. WWF-Brasil apoiava inventários, plano de manejo, certificação e Boas Práticas e entrou no grupo da castanha. A governança era feita pelo Ecoamazon, contratada pelo SEBRAE e apoiada pelo WWF -Brasil, fazia a parte de campo: plano de manejo, Boas práticas e Governança. Nesta fase com as 250 famílias, estavam envolvidas COOPERACRE, CAEX e CAPEB.

Na primeira fase do projeto estava prevista a capacitação de 17 comunidades que passariam por três módulos de capacitação um em boas praticas, outro em associativismo e cooperativismo e um terceiro em gestão. Das 17 comunidades propostas apenas 4 foram capacitadas: Sorriso, Porongaba, Vai se ver e Antimary.

Em 2007 o SEBRAE assume a governança e a COOPERATIVA beneficiada pelo projeto agora é apenas a COOPERACRE.

Em 2008, a Cooperativa com apoio do WWF faz mapeamento para plano e divulgação das Boas Práticas, prevendo recursos para aumentar o quadro social da Cooperativa e disseminar práticas de manejo da castanha no quadro como um todo (22 cnpjs) através do técnico da Cooperativa. Outras ações vinculadas ao plano de trabalho foram: cadastramento de produtores de castanha nas comunidades Vai se ver e Porongaba e georreferenciamento de todas suas castanheiras além da elaboração do plano de manejo florestal sustentável da castanheira.

Na segunda fase SEAPROF passa a disponibilizar recursos para construção de barracões (comunitários, familiares e industriais). Foram previstos inicialmente 7 armazens comunitários, três industriais e mais de 100 familiares. Foram executados 2 comerciais, 3 industriais e nenhum familiar. A dificuldade apontada para a execução dos armazéns familiares é o alto custo do modelo proposto pela EMBRAPA.

Os recursos assegurados para os armazéns familiares possibilitam construir somente 90 dentro dos padrões recomendados pela Embrapa. Isso é muito pouco no universo dos produtores da COOPERACRE.

Confiando na qualidade da castanha do Porongaba, em 2009, a COOPREACRE experimentou a venda consignada. Os produtores entregaram sua castanha e aguardaram o beneficiamento e a venda. O retorno financeiro foi superior aos demais produtores que receberam imediatamente pela castanha.

Hoje o fortalecimento da cadeia de valor da castanha-do-brasil no Acre através da COOPAERACRE passa pelo fortalecimento dos diferentes CNPJs que a integram, principalmente os de maior potencial (considerando volume e qualidade da produção e organização social). Este fortalecimento diz respeito a socialização de informações, fortalecimento das associações, difusão dos fundamentos do cooperativismo, estabelecer formas de governança que possibilite maior controle social, envolvendo mais as associações. Hoje a cooperativa tem uma relação empresa comunidade

com a maior parte de seus cnpts (compra e venda) e quer estabelecer relações cooperativistas com seu quadro social.

A expectativa quanto a estabelecer uma relação mais cooperativista é no sentido de que o produtor entregue sua produção em consignação para mais tarde receber sua receita e/ou deixá-la disponível no caixa da cooperativa para a próxima rodada de negócios, participe do arranjo dando suporte técnico (conversas, reuniões, escutar mais a demanda do parceiro). Um avanço apontado foi a consignação (100ton) com o Porongaba em 2008 (ajudou também na receita da cooperativa).

“As ações de fidelização são a nossa estratégia de para fortalecer a relação com a rede. Com o capital de giro na mão das associações vai ser possível competir com o marreteiro.”

Sr. Manoel

Os esforços também estão voltados à obtenção da certificação orgânica ECOCERT, com o objetivo de ampliar seu mercado, via exportação, agregando o cuidado com o uso de agrotóxico e outros produtos nas áreas de coleta e armazenamento da castanha, mas que não contempla a adoção das boas práticas. Um desafio interno, é a expansão das boas práticas nas comunidades com produção suficiente para atender o volume mínimo para certificação. As comunidades indicadas pela Cooperacre para a obtenção da certificação são: Porongaba, Vai se Ver/Sorriso, Aspafa, Porto Dias, Antimary, Fé em Deus e Unidos pela Paz.

A adoção das Boas Práticas permite maior aproveitamento e não estraga o maquinário na usina. A qualidade decorrente de sua adoção é suficiente para o mercado. Outros elementos relacionados a cadeia (lixo, organização social). Tem baixo custo, requer organização da comunidade para a produção e melhora o rendimento. Os **33% de** rendimento da lata, sem a adoção das boas práticas, vai para 45% com sua adoção; ao 2,00 pagos a mais vêm desta diferença, não é um “abono”.

Além das Boas Práticas, outros elementos condicionam a qualidade da castanha, como a logística de escoamento e o tempo de armazenamento. A castanha que chega primeiro ao galpão comunitário, deve ser a primeira a sair para a usina (Teoria do PEPS – Primeiro entra, primeiro sai). Porém nem sempre isso é possível, pois as primeiras castanhas armazenadas ficam no fundo da pilha de castanhas e acaba sendo a última a ser beneficiada. Dar velocidade ao manejo da castanha entre chegada ao secador, armazenamento e saída para a usina é muito importante, principalmente para os frutos que são de baixo aproveitamento. No entanto, se a castanha tiver contato com a umidade depois de seca, pode desenvolver a aflatoxina. A necessidade de cuidado é constante ao longo de todo processo.

Quadro 8. Objetivos das Boas Práticas elencados pelo grupo:

- Melhorar qualidade do produto e evitar contaminações
- Acessar novos mercados

Quadro 9. Dificuldades para difusão das Boas Práticas elencadas pelo grupo:

- Mobilização dos produtores
- Não está internalizada a necessidade
- Diferenciar o preço claramente para quem adota (De onde vem o dinheiro para compensar quem faz boas práticas? Programa do Passivo? Plano Nacional? Quanto precisa ganhar para compensar as boas práticas?)
- Manobras de preço desmobilizam a adoção (marreteiro)
- Capital de giro para toda a rede
- Organização social e jurídica para filiar-se
- A divulgação é insuficiente, os cursos que deveriam ter sido feitos não foram realizados .
- Não podemos divulgar as boas práticas se não tem armazém;
- Não é fácil mudar hábito. O técnico repassando não funciona. O ideal é identificar produtores acessíveis à mudança para que divulguem. Aplicação depende exclusivamente do produtor.
- O entendimento das boas práticas dentro pelos diferentes cnpts que compõem a cooperacre é desigual. É preciso por todos no mesmo patamar.
- Tem a cultura de que cooperados contratam o gestor e ele faz tudo
- A adoção das boas práticas não agrega valor, mas permite um maior rendimento

Quadro 10. Papel do grupo na difusão das boas práticas:

- Repasse e atualização das informações e ações realizadas e previstas pelas instituições.

O quadro abaixo inicia um panorama das formações de boas práticas já realizadas nas comunidades, assim como o acesso a diferentes mídias de difusão já ofertadas. A parcialidade das informações deve-se a não haver informações sistematizadas. As ações foram realizadas pelas instituições proponentes, mas não há uma memória coletiva do que já foi realizado ou de seus impactos e aprendizados.

Quadro 11. Panorama das Boas Práticas nas Comunidades

Comunidade e pessoa de referência	Formação / acesso a estratégias de difusão	Condições para implantação das Boas Práticas
Vai se Ver Seu Eurico (bem abaixo da Sorriso)	EMBRAPA e Seaprof SEBRAE Manual de Boas Práticas ASBRAER	Tem armazém Secador previsto
Porongaba Seu Celso Seu Francisco	EMBRAPA e Seaprof SEBRAE SENAR	Armazem antigo com secador (tela) e armazém novo
União dos Seringueiros depois do Porongaba, 52 no Catarino; Raimundão	EMBRAPA	
Porvir Sílvio e filho Seu Silva (dia de campo TV)	EMBRAPA	
Porto Acre		Armazem comunitário previsto
Antimary	EMBRAPA e Seaprof SEBRAE	Secador Comunitário previsto (tem energia)

Pium		Armazem comunitário previsto
Barro Alto	Já teve	Não tem armazem
Xapuri	prefeitura	Armazens construídos pela prefeitura
Sorriso Seu Ermano	EMBRAPA e Seaprof SEBRAE Manual Boas Práticas ASBRAER	Tem área em litígio Não tem armazém comunitário
Vitória vem de Deus	Manual Boas Práticas ASBRAER	
Pracaúba	Manual Boas Práticas ASBRAER	
Palhal	Agendada e não realizada	
Unidos pela paz	Agendada e não realizada	
Transacreana	Seaprof	
Rio Branco		Secador em teste
Chora Menino (Epitaciolândia)	SENAR	

7. ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO

Quando falamos em estratégias de difusão de inovações sociais ou tecnológicas num contexto de rural (florestal, no caso), há que se considerar alguns elementos:

- O público (seus modos de apropriação e internalização)
- A mensagem a ser transmitida
- As mídias disponíveis e as qualidades e limitações de cada estratégia
- A linguagem a ser utilizada (escolha das palavras, expressões...)
- Condições de implementação do material

Foi feito um levantamento inicial das estratégias já utilizadas na difusão das Boas Práticas e seu impacto. Além disso, foram levantadas as qualidades e limitações de diferentes mídias que poderiam ser utilizadas neste contexto, além de um levantamento junto a duas comunidades (Porongaba e São Luis do Remanso) das indicações quanto a formato e conteúdo de formações e considerações sobre diferentes materiais de difusão das boas práticas.

Quadro 12. FORMAS E INSTRUMENTOS PARA DIFUSÃO DE BOAS PRÁTICAS

FORMAS	INSTRUMENTOS
REUNIÕES COMUNITÁRIAS promovidas por agente externo	Jogos e dinâmicas

(Seaprof, Cooperacre, etc)	Teatro Cartilha Cartaz	Folder Folheto
REUNIÕES COMUNITÁRIAS promovidas por agentes locais (associação, agentes da castanha, etc)	Cartaz Cartilha	Folheto Folder
DIA DE CAMPO: aprender na pratica	Jogos e dinâmicas Teatro Cartilha Cartaz	Folder Folheto
PROGRAMA DE RADIO	Vinhetas	
MENSAGEM POR PORTADOR / Distribuição de material	Cartaz Cartilha	Folheto Folder

Quadro 13 . Instrumentos e suas características

INSTRUMENTO	CARACTERISTICAS	
Teatro	Marcante Dinâmico Motiva diferentes faixas de idade Forte caráter sensibilizador	Requer preparação e habilidades da equipe ou contratação de profissionais externos
Jogos e dinâmicas	Marcante Dinâmico Motiva diferentes faixas de idade Forte caráter sensibilizador	Requer preparação e domínio do procedimento pela equipe
Cartilha	Conteúdo mais detalhado Objetivos mais abrangentes, podendo: sensibilizar, informar, lembrar	Pode ser auto-explicativa
Folder	“Cartilha resumida” Priorizar informação chave em função do objetivo: sensibilizar OU informar OU lembrar	O encontro presencial amplia os resultados, entendimento...
Cartaz	Repasa informações essenciais Maior visibilidade para informação quando fixado	O encontro presencial amplia os resultados, entendimento...
Folheto	“Cartaz pequeno” Repasa informações essenciais	O encontro presencial amplia os resultados, entendimento...

Quadro 14: Estratégias de difusão das Boas Práticas já utilizadas

Estratégia	Responsável	público	Impacto/resultados
------------	-------------	---------	--------------------

	e parceiros		
Curso	EMBRAPA e ASBRAER	técnicos	Resultados não foram repassados aos extrativistas através dos cursos previstos. <i>“ Muitos técnicos marcavam a data e já preenchia a relação de chamada, depois não voltava mais (Palhal, Unidos pela Paz e deve ter outras). “</i> Manuais foram levados ao Vai se Ver, Sorriso, Vitória Vem da Deus, Pracaúba
Visitas de acompanhamento	Associação Porongaba	Extrativistas do Porongaba	Boas práticas vem sendo cada vez mais fortalecidas e adotadas pelas diferentes famílias
Dia de campo Tv	EMBRAPA		
Cursos nas comunidades	EMBRAPA E SEAPROF	Porongaba, Vai se ver, Sorriso e Antimary	
Encontro em 2007, Rio Branco		produtores	para criar modelo de boas práticas código de rastreabilidade conhecer e listagem dos produtores e interessados duas pessoas em cada comunidade para controle (receberiam por latas de castanha e a Cooperativa acompanharia, através da Gardênia) bloco de controle foi utilizado na Cooperiaco, com a Da. Lila
Programa de rádio fevereiro de 2009	APL castanha	extrativistas	4 inserções no Programa Raízes da Terra da SEAPROF/DIFUSORA
Armazém ⁵		Riozinho do Rola	<i>“ Salto de qualidade com o armazém e o boca a boca, antes de ter a formação em Boas Práticas.</i> <i>Essa cultura foi se espalhando, isso foi observado pela cooperativa. Chamamos de rede de colaboradores.”</i>

Programas De Rádio

⁵ O armazém, além da função estrutural de armazenamento, foi citado como estratégia de difusão das boas práticas

O processo de construção dos programas de rádio representou um processo de construção coletiva que envolveu todas as instituições participantes do grupo de apoio ao arranjo produtivo local da castanha-do-brasil. A consultoria proporcionou a facilitação do processo de construção, animando, organizando e provocando, nas reuniões presenciais ou virtuais. Esta dinamização foi considerada como um papel necessário para a realização desta ação, o que pode ser generalizado para a realização de ações coletivas no âmbito do grupo de apoio.

As expectativas do grupo eram grandes quanto aos programas a serem gerados. No entanto, na operacionalização, elementos como formato do programa e locução sofreram imposições por parte do estúdio, que refletiram-se nos programas, ficando o resultado aquém do esperado, por questões alheias a realização desta consultoria.

A mídia utilizada (programa de rádio) tem uma boa repercussão na comunidade, considerando as limitações de leitura do público e a difusão deste meio de comunicação. No entanto, o horário do programa (domingo, 7:00), comprometeu sua audiência. O conteúdo foi adequado ao público.

Os resultados desta ação puderam ser colhidos tanto no seu objetivo final (difusão das boas práticas), como no processo de construção (ação conjunta do grupo).

Quadro 15. Conteúdo das inserções via rádio

1º. Inserção - 01/02/2009:

Recomendações sobre coleta e quebra; Entrevista com Márcio Bayma (EMBRAPA)

2º. Inserção – 08/02/2009:

Recomendações sobre transporte e armazenamento; Entrevista com Virgínia (EMBRAPA) e Sr. Celso Custódio (Porongaba)

3º. Inserção – 15/02/2009:

Entrevista com Elcimar (COOPERACRE)

4º. Inserção – 22/02/2009:

Entrevista com Edvaldo Pinheiro (SEAPROF)

A partir das recomendações levantadas, ajustadas entre os parceiros e validadas pelas visitas a campo e COOPERACRE, foram elaborados o cartaz e o folheto de divulgação. A tiragem foi de 2000 exemplares de cada, a serem distribuídos para todas as famílias produtoras de castanha-do-brasil ligadas à cooperativa.

A distribuição será feita via COOPERACRE e parceiros, durante as formações previstas pela SEAPROF e outras, escritórios locais de ATER, vistas a campo, postos de recebimento de borracha nas comunidades e assembléias da cooperativa.

O cartaz e o folheto encontram-se em anexo.

8. VISITAS INSTITUCIONAIS

As visitas institucionais foram cruciais para ampliar a compreensão do contexto em que se inserem as Boas Práticas no desenvolvimento da cadeia produtiva da castanha-do-brasil, seu histórico e elementos que contribuem para um panorama do entendimento desta temática por parte dos integrantes do grupo de apoio⁶.

Foi elencado, com os representantes das instituições, o papel de sua instituição na difusão das boas práticas e o papel das demais instituições. A organização destes papéis encontra-se no quadro abaixo.

Quadro 16. Papéis dos integrantes do Grupo de Apoio ao Arranjo Produtivo da Castanha-do-brasil

Instituição	Papel na cadeia da castanha-do-Brasil e nas Boas Práticas
EMBRAPA	Pesquisas para fortalecer a cadeia da castanha, sua sustentabilidade e agregação de valor: ecologia, regeneração, socioeconomia, aflatoxina e produtos a base de farinha de castanha.
SEAPROF	Extensão e difusão das Boas Práticas
Cooperacre	Responsável pela qualidade da castanha na usina Difusão das boas práticas, divulgação e implantação Acompanhar os diretores e parceiros e estar na execução dos projetos Organizar a produção Ponte entre os produtores e compradores Ceder material ou vender mais barato (para pesquisa) Aceitar sugestões de melhoria
WWF	Apoiar a Cooperacre Meta relacionada às 250 famílias adotando BP Apoiar a cadeia produtiva da castanha através do fortalecimento da COOPERACRE

⁶ A relação das pessoas entrevistadas e suas respectivas instituições encontra-se em anexo.

	neste arranjo produtivo local (repasse de recursos e assessoria técnica).
UICN	<p>Dinamizar o APL, através da governança</p> <p>A meta é aumentar a renda pela melhoria da qualidade e do preço. Para isso as boas práticas são essenciais. Temos uma linha de ação que é de redução da pobreza.</p> <p>Fortalecer a Cooperacre e associações na gestão administrativa e financeira para chegar ao fortalecimento social.</p> <p>Ação direta na gestão da Cooperacre para melhor organização financeira e contábil.</p>

As diferentes instituições têm previsão de ações no âmbito das boas práticas. Estas ações representam na maioria das vezes em continuidade ou desdobramento de ações que já vêm acontecendo.

Quadro 17. Panorama das Ações Previstas

Ações Previstas	Responsável	Objetivos/foco	Prazo
Continuação do Projeto Safenut	EMBRAPA (CIRAD, NFA, Min. Da Suécia)	Contaminação da castanha-do-brasil na ao longo da cadeia produtiva	Início 2009 (3 a 4 anos) Em elaboração
Dia de campo	EMBRAPA	Visita de diversos atores a um seringal, onde terão estações simulando as etapas da cadeia e a adoção das boas práticas	Realizado em agosto no Porongaba e previsto para novembro
Formação nas 11 comunidades que faltam	Seaprof	Boas práticas	2009 (já foi realizado no Vai se Ver)
Investimento do governo do estado na estrutura da cadeia	Seaprof	Nova Usina com silos com controle Implantação de armazéns industriais, comunitários e familiares	Até 2011
Plano de Manejo e certificação no Porongaba e Vai se Ver	WWF	Checar condições de certificação para indústria (toda a cadeia) Colaboração SEAPROF	2009
Programa nacional da castanha / Plano Nacional da	MDA e MMA, MDS – contato local	Enraizamento nos estados a partir do reconhecimento do grupo como câmara estadual	2009

Sociobiodiversidade	Magna GTZ	Referências para o Ministério - Secretário Nilton Cosson e Tony Jhon	
Cartaz/calendário Boas Práticas	UICN e parceiros	Recomendações ajustadas entre parceiros e validadas na comunidade Tiragem que abranja todas as famílias produtoras de castanha da Cooperacre	2009
Capacitação e treinamento de monitores	UICN e parceiros APL	PAS campo, alimento seguro, seguir programas e o que já foi feito	2010
Mapeamento da rede de sócios da COOPERACRE	cooperacre	Cadastro interno por colocação, carteirinha para legalizar o processo	2009
Pacote de vantagens do cooperado	Cooperacre	Garantia de compra Diferenciar sócio e não sócio, foco são os Cooperados Escritório de contabilidade para ver situação legal das associações	Depois do cadastramento
Intercâmbio de diretores	Cooperacre	Troca de experiências entre as comunidades (diretores das associações e cooperativas cooperadas) Missão Técnica a Cooperagrepa, no Mato Grosso (beneficiamento, certificação e agregação de valor)	2009
Comunicação institucional e marketing da cooperativa	UICN e Cooperacre	Boletim: Informativo trimestral Site: marketing Alimentar com informações Cooperados e clientes	Junho 2009 Definir continuidade
Identificar opções de mercado e exigências	UICN	Certificação e Boas Práticas	2009
Apoio à implementação das Boas Práticas	UICN	Facilitar o planejamento conjunto das ações de boas práticas Formação para monitores	2009/2010

Certificação Orgânica	Cooperacre	Certificar comunidades com o selo orgânico ECOCERT	2009
-----------------------	------------	--	------

9. VISITAS A CAMPO⁷

Foram visitadas as comunidades do Porongaba, em Brasília, na Reserva Extrativista Chico Mendes e o Seringal Estrangeiro, no Projeto de Assentamento Agroextrativista São Luis do Remanso, em Capixaba.



Porongaba



São Luis do Remanso

Os processos de produção nos dois locais guardam diversas particularidades. A informação quanto à adoção de boas práticas é muito mais difundida na comunidade do Porongaba, que já passou por processos de formação.

Uma das condições básicas para a adoção das boas práticas é a existência de armazéns na comunidade. Os armazéns comunitários (antigo e novo no Porongaba e novo no São Luis) têm sua inegável utilidade, mas não suprem a necessidade dos armazéns individuais, principalmente para as famílias que se encontram mais distantes de sua localização.

As famílias não atendidas por armazéns familiares ou comunitários costumam armazenar sua castanha em suas varandas ou mesmo nas salas de casa. Algumas famílias utilizam-se para o armazenamento, de casas desocupadas ou paióis, onde são armazenados também arroz, milho e feijão ao longo do ano.

A falta dos armazéns individuais, além de reflexos na qualidade da castanha, que fica armazenada em condições não adequadas, pode fazer com que o produtor venda-a ao atravessador, quando não é possível aguardar a retirada da cooperativa.

Quadro 18. Material necessário para construção do galpão individual:

- Dobradiça, prego, tela, chapéu de chinês (Dá para fazer com garrafa pet?)
- Para cobrir: Ubim ou cavaco
- Tamanho: depende da produção, pelo menos de 4 x 3
- Pode ser de ripa de paxiubão, tirado o miolo, chão de ripa grossa
- Tábua (depende de motosserra), Paxiúba (depende de duas pessoas)
- 2 semanas o armazém está pronto
- 1m a 1,20m de altura

⁷ Para maiores informações consultar o Relatório das Visitas de Campo – Produto 4

A viabilização de transporte via animal pela cooperativa acelera o processo de retirada da castanha da mata para o armazém resulta em melhora de qualidade. Vale a pena lembrar, que uma das exigências para a exportação de castanhas e a ausência de animais trafegando nos locais de coleta de castanha.

As duas realidades são bastante diversas. O Porongaba é uma referência de adoção de boas práticas e o São Luis coletam sem referência às recomendações. A amostragem é representativa da heterogeneidade de situações que formam o mosaico de associações e cooperativas ligadas a COOPERACRE. Cada situação é única e assim devem ser pensadas duas soluções ou estratégias e condições necessárias para a adoção das recomendações de boas práticas.

Quanto à validação, checagem de linguagem e expressões utilizadas nas recomendações em construção, assim como para diagnosticarmos a aceitação dos materiais de divulgação das boas práticas já existentes, as visitas às duas comunidades trouxe alguns indicativos que encontram-se contemplados no item estratégias de difusão, deste documento.

Em relação às visitas a usina de processamento e aos armazens industriais da cooperativa, trouxeram elementos para a construção das recomendações.

10. INDICATIVOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DAS BOAS PRÁTICAS

Quando falamos da implementação das recomendações de boas práticas, temos dois aspectos fundamentais que definem a natureza das ações a serem pensadas: o fomento a adoção das Boas Práticas e a difusão das Boas Práticas.

Um deles é o **fomento a adoção das boas práticas**, ou seja a inserção das boas práticas num contexto amplo de desenvolvimento da cadeia da castanha-do-brasil. Podemos considerar diversos elementos como:

- políticas estruturantes e de fomento,
- infra-estrutura,
- planejamento estratégico,
- diálogo interinstitucional,
- definição das recomendações (a partir de questões técnicas e ajustes para sua aplicabilidade),
- garantia das condições necessárias para a implementação (terçados, sacos, armazéns, animais e outros)

Dada a heterogeneidade de situações entre as diferentes comunidades, para uma proposta estruturada de e não somente de **difusão** há a necessidade de uma caracterização/diferenciação das comunidades em relação às condições, limitações e potenciais para a implantação das boas práticas.

Quanto à **difusão das Boas Práticas**, diversos elementos devem ser levados em conta:

Contar com estratégias diferenciadas de difusão:

- eventos de massa, para sensibilização
- encontros menores, que possibilitem a troca
- diferentes mídias (rádio, cartazes, vídeos...) e material de apoio escrito e ilustrado (inserido num processo de formação)
- formação de técnicos e monitores locais
- reuniões estruturadas

Pontos de atenção para planejamento de propostas de formação⁸:

- **perfil adequado para difusão das Boas Práticas:** ter a capacitação da EMBRAPA; experiência em extrativismo; trânsito nas comunidades extrativistas
- **a informação e a troca de experiência** têm a mesma importância
- estratégia: **Criar uma agenda de cursos nas comunidades**, com a participação de técnicos, ao longo de 2 ou 3 anos. Neste período vamos **selecionando pessoas das comunidades com aptidão para dar continuidade**. Unir o treinamento e recomendações até a comunidade dar conta de seguir sozinha
- Formação contínua para atualização referente **às inovações tecnológicas e troca de experiência**
- **não tirar a responsabilidade da cooperativa do processo**, que tem que conduzir processo de constante qualidade do produto. Rede de colaboradores da central, novas referências, fortalecimento da organização
- **Cursos de 3 dias**
- Como complemento a capacitação em boas práticas, **outros conteúdos** são de extrema importância: Cooperativismo, Associativismo e Legislação Brasileira e Certificação; Beneficiamento e Comercialização, Gestão administrativa e financeira
- Além de conteúdos técnicos e conceitos, as formações devem contemplar **exercícios práticos** que promovam a interação, o diálogo, a construção de conhecimento e a participação
- Muitos produtores não conhece os armazéns e a usina, não tem a dimensão dos elos da cadeia depois da saída da castanha da floresta.

⁸ Estes pontos de atenção foram organizados a partir de apontamentos feitos ao longo da consultoria, por diferentes atores.

- Nas formações direcionadas aos técnicos ou aos multiplicadores, devem ser exercitadas **estratégias de repasse e mobilização**

Materiais de divulgação das boas práticas

- os folhetos e cartazes foram os mais indicados, pela síntese objetiva e possibilidade de estarem sempre a vista
- a ilustração indicada pelos produtores durante as visitas são as “realistas”, ou seja, representantes fiéis da situação, sem abstrações ou representações “estilizadas” (por exemplo, um bonequinho solto sem chão, com a cabeça desproporcional ao corpo).
- necessários para acompanhar processos de formação ou para quem for atuar como multiplicador na comunidade
- inserir fotos e situações reais, com pessoas conhecidas
- nos programas de rádio, mesclar informação (dados) e bate papo, entrevista ou outros recursos que não a locução
- considerar a possibilidade de replicação pela comunidade, independente dos parceiros (vídeos necessitam de aparelhagem, rádio de difusão e assim por diante)

Além disso, considerando a adoção das Boas Práticas como estratégia de melhoria da cadeia, além de sua implementação, é preciso que sejam definidos indicadores para monitoramento dos resultados e da qualidade do processo.

Sendo as Boas Práticas um padrão de qualidade definido em acordo entre os diferentes atores da cadeia, para melhoria da qualidade do produto, é preciso que sejam definidos também mecanismos de comprovação do cumprimento e critérios de checagem.

11. CONCLUSÕES

A adoção das boas práticas não representa necessariamente um **adicional** monetário pela venda da castanha na mão do produtor. Dessa forma, o desafio é **motivar** o produtor a assumir uma nova prática, culturalmente diferente do que está acostumado a exercer, sem que isso represente um benefício visível e palpável a curto prazo.

Muitas estratégias de difusão vêm sendo implementadas timidamente e de forma difusa. Além de ajustar as recomendações é preciso que haja de articulação conjunta para sua difusão e implementação. A difusão das Boas Práticas, como ação isolada no desenvolvimento da cadeia trará resultados limitados. É preciso que haja condições para sua aplicabilidade, como estrutura necessária, políticas diferenciadas e inserção desta **estratégia numa visão de curto, médio e longo prazo** de desenvolvimento da cadeia.

É necessário um **planejamento estratégico** integrado entre os diferentes atores da cadeia para garantir as condições necessárias para a adoção das boas práticas pelas comunidades. Muitas vezes a

tomada de decisões estratégicas da cadeia se dá institucionalmente, e não no grupo, a partir de definições institucionais e não coletivas.

Quanto a **caracterização das comunidades**, as informações estão dispersas e algumas vezes são conflitantes, conforme o informante. Como as situações são diversas, as soluções devem ser diferenciadas. O entendimento sobre Boas Práticas e as condições para implementá-las são diversas, individualizadas, a depender da comunidade, ou da família. A **ATER** neste contexto heterogêneo também deve considerar esta necessidade de diferenciação.

Tão importante quanto a adoção das boas práticas e a questão **da logística para o escoamento da castanha**, garantir o fluxo rápido nas diferentes etapas pós-coleta. Neste sentido, dentro da floresta, a **disponibilização de animais** pela COOPERACRE, para a comunidade do Porongaba confere agilidade ao processo de escoamento.

É necessário que haja disponibilidade de **infra-estrutura** de armazenamento adequada (armazéns comunitários e familiares). Os armazéns comunitários funcionam como aglutinadores da produção que será retirada pela cooperativa, e também para secagem da produção das famílias que localizam-se próximas a ele. Não descartam a necessidade de armazéns familiares para aqueles que encontram-se mais distantes. O produtor só vai revolver a castanha diariamente se ela estiver armazenada próxima a ele e esta atividade for inserida na sua rotina.

Os **investimentos em infra-estrutura** que estão sendo implementados pelo governo do estado estão no âmbito do beneficiamento e armazenamento comunitário e industrial. O **galpão comunitário** resolve a questão do armazenamento em partes, pois as famílias cujas colocações encontram-se distantes enfrentam desafios para sua utilização.

Os padrões da pesquisa são diferentes dos padrões da usina e da floresta e os ajustes precisam ser feitos. As recomendações técnicas devem passar por **ajustes** para validação e aplicabilidade à realidade das comunidades.

O **diálogo interinstitucional**, com objetivo específico (o ajuste das boas práticas, por exemplo), facilitado por agente externo pode e deve ser incentivado e exercitado. É necessário que haja um nivelamento do discurso dos diferentes atores da cadeia quanto às Boas Práticas (e outros temas) para que o discurso ganhe força junto às comunidades e não haja informações conflitantes a partir de diferentes atores. Outras questões relacionadas a cadeia da castanha devem ser nivelados entre os diferentes atores, como o modelo de armazém familiar e o papel do secador,

Há **divergências entre os atores** quanto a necessidade dos armazéns familiares e até da necessidade das boas práticas, que podem ser substituída pelo secador.

Vale a pena ressaltar que a castanha seca exposta a condições de umidade e temperatura inadequadas pode desenvolver fungos causadores da aflatoxina, devendo o cuidado ser constante em todo o processo. O **secador** na indústria agrega qualidade, mas a adoção de boas práticas garante um rendimento maior da castanha que chega a indústria. Só o secador, sem as Boas Práticas não incentiva o padrão nem a agregação da comunidade.

A difusão das boas práticas deve valer-se de **diferentes mídias**, uma vez que a heterogeneidade das situações é muito grande. A escolaridade do público é baixa e a dificuldade de leitura deve ser considerada. O acesso a materiais de apoio é importante para que os produtores possam ter um material de consulta disponível caso seja necessário.

Existe uma expectativa grande de que a certificação orgânica venha ampliar o acesso ao mercado, principalmente o mercado internacional. A **certificação** não agrega recomendação de boas práticas além, das já apregoadas, mas insere outros elementos e pontos de atenção referentes a disposição do lixo na comunidade, adequação da indústria e gestão administrativa, financeira e organização social, conforme o selo adotado.

A implantação da certificação é uma oportunidade para a difusão das Boas Práticas nas comunidades inseridas neste processo, pois é necessário um fornecimento de qualidade e em volume adequado para suprir as necessidades do mercado.

No caso da castanha-do-brasil, trata-se de uma cadeia de valor da sociobiodiversidade, ou seja, a promoção deste produto extrativista está diretamente relacionada com a geração de renda, num contexto de inclusão social. Tanto quanto a qualidade do produto e do processo de produção, devem ser fortalecidos também aspectos como a **organização social, o diálogo, a tomada de decisão conjuntas e o empoderamento das comunidades produtoras**. A adoção das Boas Práticas como um compromisso da associação ou da cooperativa, pode estar a serviço do fortalecimento de diversos aspectos não só produtivos, mas do exercício de implantação de uma mudança no sistema de produção, em prol de um objetivo comum.

Assim como para o uso dos armazéns comunitários. É necessário que a comunidade se organize e estabeleça acordos, rotinas e diferenciação de papéis para sua utilização. Neste caso, é indicado que haja a implantação do armazém contemple a promoção do diálogo e do planejamento da comunidade para sua utilização. O armazém reforça a organização e é uma ligação com a cooperativa.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da consultoria, várias perguntas e desafios surgiram por parte dos atores envolvidos e encontram-se aqui elencadas como indicativos para pontos de atenção para planejamentos e construção de estratégias para o desenvolvimento da cadeia:

- Qual a melhor estratégia, logística (estrada para diminuir o tempo da castanha na floresta) ou secador?
- A logística irá auxiliar na recomendação de coletar e levar para a indústria em, no máximo, 30 dias?
- Qual a distância entre as colocações e o armazém?
- Quem são os potenciais na base? Que comunidades priorizar? Se definir a comunidade que vai ser certificada damos prioridade para ela
 - Como dar visibilidade, aproximar o produtor? Como envolver os sócios e fazerem se sentirem donos?
- Secagem e boas práticas: no que vale a pena investir, secagem ou boas práticas, o que é mais viável?
 - Informações sobre as diferentes associações – que dados temos?

- Monitoramento da implementação
- Que garantia os cooperados querem no produto deles?
- É possível trabalhar dentro das condições exigidas, adaptando o modelo desenvolvido para otimizar o recurso existente hoje? O recurso previsto na Seaprof poderia ser remanejado para uma infra mais simples e animais?
- As boas práticas só podem ser implementadas dentro de algumas condições. Que condições podem ser asseguradas em cada local?
- Até que ponto os escritórios podem dar conta? Que condições os escritórios tem para dar conta, o que é necessário?

Desafios da governança:

- conciliar agendas;
- monitorar o andamento das ações;
- aprender da prática e incorporar os aprendizados às ações futuras;
- Definir modelo de armazém familiar e estratégia de implantação; papel do secador.



13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, D. A. **Governança de Cadeias Produtivas da Sociobiodiversidade: apontamentos a partir da experiência da Borracha-FDL e Castanha do Brasil no Acre**, UICN, Núcleo Maturi, Rio Branco, AC, 2009.
- ALMEIDA, D. A. **Relatório da Oficina de Avaliação - Governança da parceria multi-institucional do APL da castanha-do-brasil**, UICN, Núcleo Maturi, Rio Branco, AC, 2009.
- AMAZONAS. Governo do Estado. Cartilha do Coletor: Boas Práticas de Manejo. Manaus, AM, 2004.
- ASBRAER. **Manual de boas práticas de coleta para o controle da contaminação por aflatoxina na castanha-do-brasil**, Programa Castanha-do-Brasil. Brasília, DF. 2008.
- ASBRAER. **Programa Castanha-do-brasil – Boas Práticas de Manejo – Cartilha do Coletor**. Brasília, DF. 2008
- COOPERACRE, **Plano de Exploração Sustentável da Castanha Orgânica na Associação Porongaba na Resex Chico Mendes**, Rio Branco , AC, 2007.
- EMBRAPA. **Manual de Segurança e Qualidade para a Cultura da Castanha-do-brasil**. Campo PAS. Brasília, DF. 2004.
- Comité Técnico Multisectorial de La Castaña. **La Cadena de Valor de La Castaña Amazónica Del Peru**. Candela, Peru, 2006
- GOVERNO FEDERAL. **Proposta de Promoção de Cadeia de Valor da Castanha-do-brasil – Plano de Ação Prioritário**. Brasília, DF. 2009
- GTZ. **Manual Value Links – A Metodologia de Promoção da Cadeia de Valor**. 2007.
- MACIEL, R. C. G. e REYDON, B. P. **Produção de Castanha-do-brasil certificada na Resex Chico Mendes: impactos e avaliações**. XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco, AC, 2008.
- MDA, MMA & MDS, **Proposta de Promoção da Cadeia-de-Valor da Castanha-do-brasil – Plano de Ação Prioritário**, Brasília, 2009.
- WADT L. H. O. et all. **Manejo da Castanheira (Bertholletia excelsa) para produção de Castanha-do-brasil**. SEAPROF – Documento Técnico 3. Rio Branco, AC, 2005.
- TAHUAMANU S.A. **Calendário - Buenas Praticas de Recoleccion y Almacenamiento de Castaña**. Cobija, Bolívia, 2009.
- UICN. **Livelihood and Landscape Strategy - Brazil Geographic Component- Work-Plan 2009-2010**. Rio Branco, AC, 2008.
- Zoró, Rikbaktsa e Arar./ Associação do Povo Indígena Zoró – APIZ. **Boas Práticas de coleta, armazenamento e comercialização da castanha-do-brasil: Capacitação e intercâmbio de experiências entre os povos da Amazônia mato – grossense com manejo de produtos florestais não madeiros**. Defanti Editora, Cuiabá, MT, 2008.

16. ANEXOS

Anexo 1: Lista das associações, fornecida pela COOPERACRE, julho 2009

RAZÃO SOCIAL / Representante legal / endereço	TIPOS DE PRODUTOS
1. ASSO.SERING.PORTO DIAS LÁZARO DA SILVA SALGUEIRO BR 364 KM 89 SERINGAL PORTO DIAS COL. PALHAL - ACRELANDIA	CASTANHA/ BORRACHA
2. COOP.DE PROD.EXTRATIVISTA STº FÉ COPASFE MANOEL JOSÉ DA SILVA BR 317 KM 98 RAMAL ELETRONICA KM 4 COLONIA GAMELEIRA - CAPIXABA	CASTANHA/ BORRACHA
3. COOP.AGROEXT.DOS PRODUTORES DO ANTIMARI FRANCISCO SOARES BR 364 KM 52 RAMAL DO ESPINHARA KM 60 COLONIA LIMOEIRO - BUJARI	CASTANHA/ BORRACHA
4. ASPAFA COMUNIDADE RIO BRANCO RAIMUNDO DE BARROS SERINGAL FLORESTA COLONIA RIO BRANCO - XAPURI	CASTANHA/ LATEX
5. ASSOCIAÇÃO VAI SE VER 01 JORGENILSON NOGUEIRA ROD AC 90 KM 55 RAMAL CACHOEIRA KM 04 RAMAL DO VAI SE VERSERINGAL CACHOEIRA COLOCAÇÃO MORADA NOVA - RIO BRANCO	CASTANHA/ BORRACHA
6. ASSOC.DE SERING.SORRISO DO RIOZINHO DO ROLA HERMANDO TEIXEIRA SERINGAL MACAPÁ COLOCAÇÃO AMELIA MARGEM DO RIOZINHO DO ROLA - RIO BRANCO	CASTANHA/ BORRACHA
7. ASSOC.DOS SERING.A VITÓRIA VEM DE DEUS ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS ROD AC 90 KM 55 RAMAL CACHOEIRA KM 04 RAMAL DO VAI SE VER SERINGAL SÃO BERNARDO COLOCAÇÃO CENTRINHO - RIO BRANCO	CASTANHA
8. ASSOC.DOS SERING.RIBEIRINHO DO RIO ABUNA SEBASTIÃO OLIVEIRA DE PINHO AVENIDA EPAMINONDAS JACOME Nº 133 CENTRO - PLACIDO DE CASTRO	CASTANHA/ BORRACHA
9. COOP.AGRO.PROD.DO VALE RIO IACO JOSÉ LIMA DE OLIVEIRA RUA AVELINO CHAVES Nº 1500 CENTRO - SENA MADUREIRA	CASTANHA/ BORRACHA
10. ASSOC. AGROEXTRATIVISTA UNIDOS PELA PAZ FRANCISCO ALVES DE SOUZA BR 364 RAMAL DO PALÉ KM 21 COLOCAÇÃO LARANJAL ACRELÂNDIA	CASTANHA
11. ASSOCIAÇÃO VITÓIA RÉGIA MARIA DE FÁTIMA BR 317 KM 85 RAMAL DO PORTO ALINSO KM 10	CASTANHA
12. ASSOC.SANTA RITA DE CASSIA RAIMUNDO ALVES DE ALMEIDA FILHO RUA CURITIBA Nº 666 BAIRRO 18 DE SETEMBRO	BORRACHA
13. ASSOCIAÇÃO PORONGABA CELSO CUSTODIO DA SILVA BR 317 KM RAMAL DA ESPERANCA SERINGAL PORONGABA BRASILEIA	CASTANHA
14. ASSOC.RURAL LIBERTADORA ANTONIO MENDES DE OLIVEIRA BR 317 KM 52 ESTRADA DE BOCA DO ACRE	BORRACHA
15. ASSOC.DOS SERING.BAIXA RIO ACRE ALBINO CUNHA DO NASCIMENTO SERINGAL NOVO ANDIRA COLOC.BOA AGUA PORTO ACRE	CASTANHA/ BORRACHA
16. ASSOC.DOS PROD.EXT.DA VITÓRIA DA FLORESTA SEBASTIÃO MONTE NOGUEIRA BR 364 RAMAL DO CASCALHO KM 04 SERINGAL SÃO JOÃO DO RIOZINHO	CASTANHA/ BORRACHA
17. ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS FÉ EM DEUS REONALDO FERREIRA DA SILVA SERINGAL CACHOEIRA COLOC.CHORA MENINO	CASTANHA/LATEX
18. ASSOC.DE SERING.PROD.RURAIIS DESPEZADO VAI SE VER LUIZ MARALHAES SERINGAL SÃO FRANCISCO DO IRACEMA COLOCAÇÃO CUMARU 01	CASTANHA/ BORRACHA
19. ASSOC. DOS PROD.DE BORR. DE RIO BRANCO ASPROB LORIVAL BERNADES BR 364 KM 76 SERINGAL BONAL	BORRACHA

Anexo 2: Avaliação do Programa de rádio:

Foram produzidas quatro inserções no bloco Falando com o Produtor do Programa Raízes da Terra (SEAPROF), Rádio Difusora Acreana, aos domingos, 7:00, no mês de fevereiro de 2009.

As etapas para construção das inserções foram:

- concepção do conteúdo inicial e revisão a partir das contribuições dos parceiros;
- articulação das entrevistas;
- elaboração de release para cada programa;
- negociação com a produção do programa Raízes da Terra;
- acompanhamento da gravação das entrevistas;
- divulgação das cópias das inserções para os parceiros;
- acompanhamento do processo de avaliação das inserções e indicações para futuras estratégias de divulgação (em andamento).

Foram objetivos do programa (as quatro inserções):

- divulgar elementos das boas práticas da coleta, seleção e armazenamento da Castanha da Amazônia para a safra 2009
- popularizar recomendações de boas práticas da castanha
- sensibilizar as comunidades extrativistas para o tema boas práticas a ser abordado no diagnóstico

1º. Inserção – 01/02/2009:

- Recomendações sobre coleta e quebra
- Entrevista com Márcio Bayma (EMBRAPA)

2º. Inserção– 08/02/2009

- Recomendações sobre transporte e armazenamento
- Entrevista com Virgínia (EMBRAPA) e Sr. Celso Custódio (Porongaba)

3º. Inserção – 15/02/2009

- Entrevista com Elcimar (COOPERACRE)

4º. Inserção – 22/02/2009

- Entrevista com Edvaldo Pinheiro (SEAPROF)

Obs. Foi previsto inicialmente um resumo das recomendações para os momentos 3 e 4, porém, conforme a produção do programa (SEAPROF), não foi possível devido ao tempo disponível

- faltou afinamento do grupo quanto às informações, teve contradições nas informações sobre mercado (entrevistas Márcio e Elcimar). EBP
- Falava muito da qualidade, exemplo dado pelo PGB, forma de como se coleta. BP não acaba no produtor. Tem que ter o acompanhamento da coleta até o consumidor final.
- Programa de rádio também foi um exemplo. Estava em jogo a qualidade. Decidimos uma coisa na reunião e na execução não pode um monte de coisa.
- Não foi citado o nome dos parceiros
- Conteúdo adequado aos extrativistas
- Faltou entonação no narrador
- Muita entrevista e pouca discussão
- Coisas que foram pensadas na reunião (radionovela...) depois não era possível fazer
- Limites impostos pela coordenação do programa podaram as possibilidades criativas pensadas pelo arranjo
- Boa oportunidade de difusão e reforço das difusões
- Revisão das recomendações que estavam no release dos programas 3 e 4 não foram ao ar
- Desconhecimento do assunto pelo condutor do programa
- Operacionalização via email facilitou participação dos parceiros
- Sugestão de inserção de um programa de TV

Anexo 3: Relação dos entrevistados nas visitas institucionais

Instituição	Entrevistados
EMBRAPA	<ul style="list-style-type: none">• Virgínia de Souza Alvares• Márcio Muniz Albano Bayma• Lúcia Wadt• Joana Leite de Souza
SEAPROF	<ul style="list-style-type: none">• Edvaldo Andrade
UICN	<ul style="list-style-type: none">• Liliana Lino Pires• Frederico Machado
WWF	<ul style="list-style-type: none">• Elektra Rocha
SEBRAE	<ul style="list-style-type: none">• Dikson Asfury• Airton Galvão
Cooperacre	<ul style="list-style-type: none">• Manoel Monteiro• Elcimar Marques• Felícia Nogueira Leite
Atuou como consultora junto ao SEBRAE e à Cooperacre	<ul style="list-style-type: none">• Gardênia Sales

Anexo 4 – Cartaz e folheto de divulgação das boas práticas da castanha-do-brasil

Anexo 5 - Legislação